

# O ESPAÇO DO QUADRINHO BRASILEIRO

**Roberto Elísio dos Santos**

Jornalista, doutor em Comunicação pela ECA/USP e professor do curso de Comunicação Social do IMES

## RESUMO

Desde seu aparecimento no Brasil, a História em Quadrinhos tem enfrentado os limites impostos seja pela censura, seja pelas condições econômicas. As dificuldades não impediram, contudo, que a produção de quadrinhos brasileiros se mantivesse, fosse aperfeiçoada e se tornasse cada vez mais criativa, encontrando seu espaço no restrito e instável mercado editorial do país. Este artigo aborda a trajetória do quadrinho brasileiro, sua luta contra as crises políticas e econômicas, assim como as tendências atuais.

## ABSTRACT

Since their beginning in Brazil, comics have faced limitations inflicted by censorship or economic conditions. These difficulties didn't impede, however, that the production of brazilian comics could be maintained and improved, getting even more creative, finding its share in the restricted, unstable brazilian's publishing market. This article follows brazilian's comics development, their struggle against political and economic crisis, as well the contemporary tendencies.

## Introdução

Com pouco mais de 130 anos, o quadrinho brasileiro continua enfrentando situações que tornam sua produção um risco tanto para o artista que o cria como para o empresário que se empenha em editá-lo. Os problemas mais graves que se impõem à produção e veiculação de Histórias em

Quadrinhos no Brasil dizem respeito à instabilidade econômica e à distribuição do material (só existem duas distribuidoras, a Fernando China-glia e a Dinap, pertencente ao grupo Abril, que exigem tiragens altas das editoras, o que encarece a produção).

De acordo com Sonia Bibe-Luyten (Bibe-Luyten, 1985, p. 63), os quadrinhos

brasileiros "tiveram grandes expoentes e bons momentos. Muito deles, porém, foram abafados pelas circunstâncias e, principalmente, pela falta de consciência. Uma consciência crítica de quem publica, de quem compra e também de quem faz".

Álvaro de Moya e Reinaldo de Oliveira (Moya, 1977, p. 214-215) já haviam constatado

que, mesmo quando as editoras conseguiam atingir boas tiragens e sucesso junto ao público, "o máximo que podiam pagar ao autor era muito pouco para a sobrevivência do desenhista, que poderia ganhar muito mais na publicidade". Essa situação se deve ao fato de o editor ter o ônus do custo do papel (caro e importado), da impressão e da distribuição. Desmotivados, os quadrinhistas procuram, além do desenho publicitário, o mercado externo, como aconteceu no final da década de 90, quando vários artistas brasileiros passaram a desenhar histórias de heróis para editoras norte-americanas.

Mas o mercado editorial no Brasil não é impiedoso só com a criação nacional. O produto estrangeiro também sofre com a inconstância da economia e a contínua diminuição do público-leitor. Além do desinteresse cada vez maior do brasileiro por qualquer tipo de leitura, agravado no caso dos quadrinhos pela visão preconceituosa em relação a esta mídia (considerada, erroneamente, subliteratura infantil ou sem conteúdo artístico ou intelectual), há, ainda, o afastamento do leitor provocado pelo preço elevado do material impresso (seja ele livro, jornal ou revista ou álbum de quadrinhos).

Não é de hoje que os editores de quadrinhos defrontam-se com os problemas relativos ao custo alto para publicar quadrinhos em um quadro de incertezas a respeito do faturamento. Em abril de 1962, a edi-

tora O Cruzeiro, que publicava uma linha de quadrinhos voltados para o público infanto-juvenil (em sua maioria de origem norte-americana), justificava, em editorial, o aumento do preço das revistas: de 1950 a 1961, o salário mínimo havia subido 35 vezes e o valor do dólar (necessário para pagar a importação de papel), 19 vezes. Para arcar com a mão-de-obra e a compra de papel, tornava-se inevitável repassar a perda para o leitor. Este fato não justifica, contudo, a miopia mercadológica das empresas, que não conseguem dimensionar e utilizar todo o potencial da mídia quadrinhográfica.

### Instabilidade histórica

A História em Quadrinhos no Brasil, a exemplo da Europa e, depois, dos Estados Unidos, surgiu com o desenvolvimento da imprensa. Mas, segundo Álvaro de Moya (Moya, 1986, p. 220), "a história da história em quadrinhos brasileira não pode ser organizada como nos outros países. Ela é marcada por altos e baixos, dependendo das fases das revistas e jornais, de acordo com o progresso da imprensa e da impressão". Moacyr Cirne (Cirne, 1990, p. 11) também adverte que "só entenderemos os nossos quadrinhos entendendo melhor este país chamado Brasil: sua história, sua política, sua economia, sua variedade artística e cultural".

O momento inicial dos quadrinhos no Brasil é consi-

derado o dia 30 de janeiro de 1869, quando o artista ítalo-brasileiro Angelo Agostini publicou suas primeiras narrativas seqüenciais. Hoje, nesta data comemora-se o Dia Nacional da História em Quadrinhos, embora a maioria da população a desconheça. Há, também, um prêmio que leva o nome do pioneiro dos quadrinhos no País, entregue anualmente às pessoas que se destacaram na área. Agostini, artista talentoso, criou os personagens Zé Caipora e Nhô Quim, matutos que viajavam para a Corte (Rio de Janeiro), onde, devido a sua ingenuidade, metiam-se em confusões. Além disso, o artista produziu charges políticas e dirigiu jornais que defendiam ideais republicanos, a exemplo de *O Dom Quixote*.

Agostini foi um dos artistas que participaram da primeira revista a publicar quadrinhos no Brasil, *O Tico-Tico*, lançada em 1905. Inicialmente, inspirava-se no periódico francês *La Semaine de Suzette* e os quadrinhos eram decalcados das tiras cômicas norte-americanas, principalmente do personagem infantil Buster Brown (criado em 1902 por Richard Outcault, o idealizador de *O Menino Amarelo*, considerado o marco inicial dos comics americanos), que ficou conhecido como Chiquinho. Quadrinhistas brasileiros produziram histórias com Chiquinho por mais de 50 anos, sem que o público percebesse que, de fato, era um personagem criado nos Estados Unidos.

As páginas de *O Tico-Tico* também se abriram para criações originais, como a menina negra Lamparina, saída da imaginação do ilustrador J. Carlos; Kaximbown, o Barão de Rapapé e Zé Macaco e Faustina, criados por Max Yantok; e as crianças Reco-Reco, Bolão e Azeitona, do desenhista Luís Sá. Além destes, diversos quadrinhistas (Theo, Carlos Thiré, Alfredo e Oswaldo Storni, Messias de Melo, entre outros) publicaram seus trabalhos, histórias cômicas ou de aventura, nesta revista.

Nos anos 30, surgiram os suplementos de quadrinhos, a exemplo de *A Gazetinha* e *Suplemento Juvenil*, que editavam, ao lado de quadrinhos norte-americanos, histórias realizadas por artistas brasileiros. Foi também nesta década que surgiram revistas de quadrinhos importantes, como *Lobinho*, *Mirim* e a popular *Gibi*. O principal editor de quadrinhos daquele momento foi Adolfo Aizen, que se tornou proprietário da EBAL (Editora Brasil-América), importante casa publicadora de revistas de quadrinhos.

Um movimento de caráter nacionalista tentou valorizar e difundir o quadrinho brasileiro no final da década de 50 e início dos anos 60, quando as histórias de terror e de guerra produzidas no Brasil eram apreciadas pelos leitores. Algumas editoras, como a La Selva, publicavam vários títulos que continham material

brasileiro. Destacam-se, naquele momento, o quadrinhista português Jayme Cortez, Eugênio Colonnese e os iniciantes Mauricio de Sousa (que lançou o cãozinho Bidu em 1959) e Ziraldo (criador de Pererê, baseado no folclore nacional). Outra experiência importante foi a CEPTA - Cooperativa Editora e de Trabalho de Porto Alegre (realizada no período em que Leonel Brizola exercia o cargo de governador do Rio Grande Sul), que reuniu talentos como Renato Canini e Flavio Colin.

Se, por um lado, a censura imposta pelos governos militares tolheu a liberdade de expressão nos anos 70, por outro lado, a produção e a venda de revistas de quadrinhos atingiram picos durante o período, embora os quadrinhos brasileiros ainda perdessem em quantidade para os estrangeiros. Mas, nas décadas que se seguiram, a situação piorou muito, devido, principalmente, à inflação descontrolada. Até veículos alternativos, destinados a um público adulto, como as revistas *Chiclete com Banana* (com os personagens de Angeli) e *Piratas do Tietê e Striptiras* (do cartunista Laerte), sucumbiram à crise. O quadrinhista e empresário Mauricio de Sousa tornou-se exceção neste quadro, conseguindo sobreviver com vários títulos da turma da Mônica.

### **Público seletivo para quadrinhos de qualidade**

Para contornar os obstáculos

já mencionados, um caminho diferente foi encontrado por editores de quadrinhos no final da década de 90: levar obras de qualidade a um público-leitor ávido por novidades (nacionais ou estrangeiras) e que pode arcar com preços mais altos. Com uma tiragem pequena, estas edições são distribuídas em livrarias e comic-shops (lojas especializadas que se tornaram ponto de encontro dos aficionados por quadrinhos).

A ousadia permitiu que chegassem às prateleiras obras realizadas por artistas brasileiros que refletem a maturidade artística, técnica, narrativa e temática alcançada pelo quadrinho nacional. Atualmente, a História em Quadrinhos feita no Brasil tem abordado questões importantes da história, da cultura e da sociedade brasileira, apresentando ao público leitor narrativas que tratam de fatos históricos, lendas ou mazelas da realidade.

Um exemplo de quadrinho que enfoca um determinado momento da história do País é *Adeus, chamigo brasileiro*, realizado por André Toral, que narra a trajetória de um soldado e um oficial brasileiro e um oficial paraguaio durante a Guerra do Paraguai. Resultado da tese de doutorado do autor que versa sobre a iconografia referente ao conflito, esta obra evidencia o fato de que a História em Quadrinhos não é um divertimento alienado.

Mais do que uma narrativa de aventura, este álbum traz uma reconstrução histórica crítica, com a humanização dos personagens e o registro do cotidiano dos envolvidos.

Também tendo como pano de fundo a história do País, *Crônicas da Província*, publicado em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso, escrito por Wander Antunes e com desenhos de Mozart Couto, mostra os desmandos do coronelismo na região rural, nos anos 30. Já *Lampião*, de Klévisson, retrata a violência na Região Nordeste do País, na época do cangaço, a partir de pesquisa feita pelo autor sobre os hábitos e as imagens deste fenômeno social e cultural brasileiro. A narrativa de *Subversivos*, escrito por André Diniz e desenhado por Laudo, com arte-final de Omar Viñole, acontece nos anos de repressão da ditadura militar e acompanha um grupo de jovens idealistas vítimas do regime de força.

O veterano Flavio Colin, que já havia adaptado recentemente para os quadrinhos uma lenda gaúcha em *O boi das aspas de ouro*, ilustrou Fawcett (com história escrita por André Diniz), uma ficção protagonizada por um personagem real, o aventureiro inglês que desapareceu na Amazônia enquanto procurava vestígios da Atlântida. Ainda no que concerne às narrativas ficcionais, *10 Pãezinhos - o Girassol e a Lua*, de Fábio Moon e Gabriel Bá, é uma graphic-novel com teor

existencial. *Fealdade de Fabiano Gorila*, realizada por Marcello Gaú, por sua vez, é uma inventiva concepção que tem por actantes pessoas comuns, como um jogador de futebol da década de 50.

Algumas editoras também publicaram coletâneas de diversos artistas em edições bem realizadas, a exemplo de *Restolhada*, que reúne narrativas seqüenciais elaboradas pelo quadrinhista underground brasileiro Marcatti, e *Volúpia*, com histórias eróticas do veterano Júlio Shimamoto. A importadora Devir tem editado álbuns de luxo com personagens criados por Angeli (os Skrotinhos e Luke e Tantra) e Adão Iturusgarai (Aline), publicados originalmente em tiras em jornais. Criações do cartunista Laerte (Deus e Suriá, a garota do circo) também foram juntadas em pequenas edições.

### Conclusão

Apesar das iniciativas e da perseverança por parte de quadrinhistas e editores, ainda falta conquistar e ampliar o espectro de leitores de quadrinhos no País. Acabar com o preconceito existente em relação a esta manifestação artística é um passo importante, o que pode acontecer se pais e educadores perceberem as possibilidades didático-pedagógicas existentes na mídia quadrinhográfica, que, se bem aproveitadas, podem levar à consolidação do gosto pela leitura.

Outras iniciativas urgem

discutidas. Controversa e xenófoba, a visão dos jornalistas Stela Lachtermacher e Edson Miguel (in Bibe-Luyten, 1984, p.51) propõe a aprovação de "leis que impeçam a publicação indiscriminada de histórias estrangeiras" e a "união dos desenhistas brasileiros numa entidade capaz de pressionar os editores para abrir espaço para o material nacional". A publicação de quadrinhos estrangeiros, ao contrário do que se pensa, é benéfica, pois estimula o leitor a gostar deste tipo de narrativa, o que pode levá-lo a procurar também o quadrinho nacional. Mas a união dos quadrinhistas é de suma importância.

Quanto às editoras, é preciso que, como afirma Sonia Bibe-Luyten, conscientizem-se de que precisam ter um contato maior com o leitor, buscando uma forma simples e de custo baixo para divulgar e difundir a História em Quadrinhos. Palestras feitas a estudantes e professores, acompanhadas da distribuição gratuita de exemplares de publicações de quadrinhos, por exemplo, são estratégias mais eficazes do que a confecção de cartazes ou de qualquer material de divulgação que se perde entre tantos outros nas bancas de jornal. O marketing para o quadrinho nacional precisa ser tão criativo quanto a arte ou o roteiro das narrativas seqüenciais brasileiras, que têm mostrado ser de alta qualidade.



**BIBLIOGRAFIA**

BIBE-LUYTEN, Sonia M. *O que é História em Quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, 144), 1985.  
 (org.). *Histórias em Quadrinhos - leitura crítica*. São Paulo: Paulinas/UCBC, 1984.  
 CIRNE, Moacy. *História e crítica do quadrinho brasileiro*. Rio de Janeiro: Europa/Funarte, 1990.  
 MOYA, Álvaro de. *História das histórias em quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1986.  
 . *Shazam!* São Paulo: Perspectiva (Debates, 261), 1977.

*Histórias em Quadrinhos brasileiras*  
 Adeus, chamigo brasileiro - uma

*história da Guerra do Paraguai*. Roteiro e arte de André Toral. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.  
*O Boi das aspas de ouro*. Roteiro e arte de Flavio Colin. São Paulo: Escala, 1997.  
*Crônicas da Província*. Roteiro de Wander Antunes e arte de Mozart Couto. São Paulo: Via Lettera/Tempo presente/UFMG, 1999.  
*10 Pãezinhos - o Girassol e a Lua*. Roteiro e arte de Fábio Moon e Gabriel Bá. São Paulo: Via Lettera, 2000.  
*Fawcett*. Roteiro de André Diniz e arte de Flavio Colin. São Paulo: Editora Nona Arte, 2000.

*Fealdade de Fabiano Gorila*. Texto e arte de Marcello Gaú. São Paulo: Conrad, 1999.  
*Lampião - era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*. Roteiro e arte de Klévisson. 2a. ed. São Paulo: Hedra, 2000.  
*Restolhada*. Roteiros e arte de Marcatti. São Paulo: Opera Graphica, 2000.  
*Subversivos*. Roteiro de André Diniz, desenhos de Laudo e arte-final de Omar Viñole. São Paulo: Editora Nona Arte, 2000.  
*Volúpia: os melhores quadrinhos eróticos*. Arte de Júlio Shimamoto São Paulo: Opera Graphica, 2000.

**N R H**

**NÚCLEO DE RECURSOS HUMANOS**

Há 11 anos prestando serviços à comunidade empresarial

Com um trabalho sério e reconhecido, o Núcleo de Recursos Humanos do IMES busca a integração entre o conhecimento teórico e a prática no campo da Administração de Recursos Humanos.

**Entre os serviços oferecidos, destacam-se:**

- Realização de pesquisas em Recursos Humanos (cargos, salários, benefícios, acordos/convenções coletivas, remuneração variável, indicadores da performance de área e clima organizacional);
- Encontros de reciclagem para profissionais da área de RH;
- Publicação do boletim Notícias de Recursos Humanos, que traz uma sinopse da imprensa paulista com informações sobre RH;
- Desenvolvimento de projetos personalizados para empresas (consultoria, auditoria e treinamento);
- Publicação de artigos que abordam o comportamento do mercado de trabalho e suas tendências.

Informações e consultas podem ser feitas na Av. Goiás, 3.400, em São Caetano do Sul, pelo telefone 4239-3201, ou pelo e-mail: nucleorh@imes.com.br